

Debates Virtuais sobre Subjetividade, Sociedade e Política na Pandemia de Covid-19

Virtual Debates on Subjectivity, Society and Politics in the Covid-19 Pandemic

Debates Virtuales sobre Subjetividad, Sociedad y Política en la Pandemia Covid-19

Érico Douglas Vieira

Universidade Federal de Jataí

1

Resumo: A pandemia da Covid-19 trouxe impactos subjetivos e sociais significativos em razão das rupturas, inseguranças geradas e necessidades de reorganizações individual e coletiva. Neste contexto, as universidades propõem diversas ações de enfrentamento a esta crise. Este trabalho é um relato de experiência de um projeto de extensão que teve como objetivo a realização de debates virtuais como possibilidade de reflexões e elaborações de enfrentamentos em relação à crise provocada pela pandemia, articulando subjetividade, sociedade e política. A equipe organizou *lives* através de plataformas como Youtube e Instagram, com um palestrante convidado e um moderador que registrava as perguntas e intervenções dos participantes. Do ponto de vista teórico, filósofos, sociólogos e psicólogos sociais que consideram questões sociais que influenciam na produção de subjetividades foram con-

siderados neste trabalho. As atividades proporcionaram momentos significativos de aprendizado, reflexões, trocas e escuta das angústias geradas pela crise. As reflexões foram potencializadas pelo esforço didático do palestrante e pela interação entre os participantes através do *chat*. Houve a formulação de estratégias de enfrentamento e resistência em relação à pandemia, articulado a um desejo de transformação dos aspectos injustos da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Subjetividade; Sociedade; Política; Extensão.

Abstract: The Covid-19 pandemic brought significant subjective and social impacts due to the disruptions, insecurities and the need for individual and collective reorganizations. In this context, universities propose actions to face this crisis. This paper is an experience report of an extension project that aimed to propose virtual debates as a possibility for reflections and elaborations of coping strategies in relation to the crisis caused by the pandemic, articulating subjectivity, society and politics. The team organized debates through platforms such as Youtube and Instagram, with a guest speaker and a moderator who recorded the participants' questions and interventions. Philosophers, sociologists and social psychologists who consider social issues that influence the production of subjectivities were considered in this work. The activities provided significant moments of learning, reflections, exchanges and listening of the anxieties generated by the crisis. The reflections were enhanced by the didactic effort of the debater and by the interaction between the participants through the chat. There were the formulation of coping and resistance strategies in relation to the pandemic, linked to a desire to transform the unjust aspects of brazilian society

Keywords: Subjectivity. Society. Politics. Extension.

Resumen: La pandemia Covid-19 proporcionó importantes impactos subjetivos y sociales debido a las interrupciones, las inseguridades generadas y la necesidad de reorganizaciones individuales y colectivas. En este contexto, las universidades proponen varias acciones para enfrentar esta crisis. Este trabajo es un relato de experiencia de un proyecto de extensión que tuvo el objetivo la realización de debates virtuales como posibilidad de reflexión y elaboración de afrontamientos en relación a la crisis provocada por la pandemia, articulando subjetividad, sociedad y política. El equipo organizó debates a través de plataformas como Youtube e Instagram, con un ponente invitado y un moderador que registró las preguntas e intervenciones de los participantes. En este trabajo se consideraron filósofos, sociólogos y psicólogos sociales que consideran cuestiones sociales que influyen en la producción de subjetividades. Las actividades proporcionaron momentos significativos de aprendizaje, reflexión, intercambio y escucha de las ansiedades generadas por la crisis. Las reflexiones fueron maximizadas por el esfuerzo didáctico del profesor y por la interacción entre los participantes a través de la sala de chat. Fue posible la formulación de estrategias de afrontamiento en relación a la pandemia, articuladas con el deseo de transformar los aspectos injustos de la sociedad brasileña.

Palabras clave: Subjetividad. Sociedad. Política. Extensión.

Data de submissão: 11/09/2020

Data da aprovação: 15/10/2020

Introdução

A pandemia como a atual provocada pelo Sars-Cov-2 traz diversas perturbações psicossociais em toda a população mundial, que coloca à prova a integridade e até mesmo a continuidade da existência de sujeitos e organizações coletivas. As subjetividades e instituições são abaladas por um evento de imprevisibilidade e intensidade acentuadas. Várias dimensões ficam fortemente afetadas. A ruptura da rotina, do cotidiano anterior, da forma como nos organizávamos, organizávamos o nosso mundo, as prioridades da sociedade e do Estado. Experimentam-se afetos como tristeza e raiva pela perda da liberdade. A perda da rotina gera frustração, tédio e sensação de isolamento do resto do mundo. De acordo com estudos sobre impactos de saúde mental em epidemias anteriores, pode-se inferir que neste período é esperado que estejamos frequentemente em estado de alerta, preocupados, confusos, estressados e com sensação de falta de controle frente às incertezas do momento (BROOKS *et al.*, 2020).

Neste contexto repleto de insegurança, no qual a humanidade vive uma de suas piores crises, as universidades públicas brasileiras procuram executar diversas ações de enfrentamento à pandemia, após a suspensão das aulas presenciais. As universidades foram solicitadas pela sociedade para atender às diversas necessidades geradas por este contexto de crise. A produção de conhecimento, de tecnologias e de ações de extensão demonstram o importante papel das universidades públicas para a sociedade, seja em tempos de normalidade, seja em tempos de catástrofe como o atual.

Este trabalho consiste em um relato de experiência de um projeto de extensão intitulado “Universidade Movimento: refle-

xões e discussões críticas em tempos de pandemia de Covid-19”, realizado por uma equipe de docentes e estudantes da Universidade Federal de Jataí (UFJ). Esta equipe executora foi constituída por dois docentes da área da saúde e três docentes da área de ciências humanas. Os estudantes da equipe executora também eram provenientes destas duas áreas.

O objetivo do projeto de extensão foi a realização de *lives* ou debates virtuais através de plataformas *on line* como o Instagram e o Youtube. Estes debates foram realizados com periodicidade semanal. A equipe executora se reuniu periodicamente de forma virtual com o intuito de pensar em temas e possíveis palestrantes e debatedores. Os temas foram escolhidos com o objetivo de promover reflexões coletivas que possibilitassem enfrentamentos e resistências em relação ao contexto pandêmico. A ideia da equipe executora era produzir um espaço de reflexões sobre temas ligados à subjetividade, sociedade e política, tentando alinhar de que maneira estas dimensões se conjugavam com a crise sanitária. Buscou-se promover uma ampliação de consciência dos atravessamentos políticos e sociais da pandemia que pudesse, de alguma forma, mitigar seus efeitos. O projeto teve como público alvo interno estudantes, docentes e técnicos administrativos em educação da Universidade Federal de Jataí. O público alvo externo consistiu em estudantes, docentes, técnicos administrativos de outras universidades, bem como trabalhadores da área da saúde e o público em geral.

A equipe executora elaborou uma agenda de *lives* semanais. No dia de cada live, além do palestrante, havia um mediador que registrava as perguntas e intervenções das pessoas que assistiam. As questões eram colocadas no *chat* da plataforma. O mediador tinha as funções de conduzir o debate, estimular a fala do palestrante e fazer a ponte com os participantes através da seleção das

perguntas. Em relação aos temas propriamente ditos, tivemos um debate com um professor epidemiologista da UFJ sobre o Sars-Cov-2, um relato de experiência de uma enfermeira brasileira que reside na Itália (em abril, quando ocorreu esta *live*, a Itália era um dos epicentros da crise), um debate com uma jornalista que refletiu sobre os impactos da violência doméstica contra as mulheres na pandemia. Houve também duas *lives* com o tema das artes: uma sobre cinema e outra sobre literatura. A arte aqui pensada como forma de imaginar outros mundos possíveis.

Neste relato de experiência, optou-se por realizar um recorte nas ações do projeto e descrever e discutir as *lives* ou debates virtuais que tiveram como tema a saúde mental na pandemia de Covid-19. No dia 01 de abril de 2020, a equipe executora realizou uma *live* com este tema, com o autor do presente artigo como o palestrante. Nesta atividade, participaram estudantes e docentes da UFJ, além de pessoas da comunidade externa. A partir desta *live*, o autor do artigo foi convidado para participar de outras duas atividades para falar sobre saúde mental no enfoque da subjetividade e da coletividade. No dia 25 de maio de 2020 foi realizada a *live* a convite do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará. O público alvo consistiu em estudantes e docentes dos cursos da área das ciências agrárias. E no dia 13 de junho de 2020 foi a vez da atividade ser organizada pela Sociedade Goianiense de Psicodrama – SOGEP. Nesta última *live*, o público era constituído por estudantes e profissionais da área da Psicologia.

Após esta introdução, em termos de estruturação do trabalho, há dois eixos importantes de organização do relato desta experiência de extensão. Há um primeiro eixo teórico e outro eixo no qual será feito o relato da experiência propriamente. No próximo item, que engloba o eixo teórico, serão apresentadas reflexões teóricas sobre a questão da saúde mental na pandemia, articuladas

com aspectos coletivos, sociais e políticos. Estes aspectos teóricos foram apresentados nas *lives* realizadas. No item seguinte, será feito o relato da experiência da realização das *lives* ou debates virtuais, buscando-se descrever seus impactos a partir de alguns comentários dos participantes. Estes comentários foram gravados e arquivados em um documento de formato *word* para posterior estudo e análise dos impactos das atividades nos participantes. Neste item, serão realizadas análises dos comentários em articulação com referencial teórico adotado.

Reflexões sobre subjetividade, saúde mental e sociedade na pandemia

Neste texto, a saúde mental é considerada como um processo coletivo e não como algo da ordem do individual somente. Filósofos, sociólogos e psicólogos sociais que consideram questões sociais que influenciam na produção de subjetividades foram considerados neste trabalho (BAUMAN, 2001; CARRETEIRO, 2020; ECO, 2018; SANTOS, 2020; SOUZA, 2017). Além disso, estudos sobre Psicologia dos desastres e as cartilhas sobre saúde mental na pandemia da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) foram materiais importantes que balizaram as reflexões nas *lives* realizadas.

Antes da pandemia de Covid-19, já vivíamos uma época de incertezas e insegurança em função de aspectos psicossociais e econômicos nos quais a nossa sociedade é organizada. Percebe-se uma crescente individualização da experiência com a consequente instrumentalização dos outros e o esgarçamento dos laços fraternos e da coletividade. O indivíduo é responsabilizado pelo próprio bem-estar, pela construção de seu projeto de vida, pela satisfação de suas necessidades e pelo planejamento de sua vida. A busca

solitária para encontrar soluções individuais para problemas socialmente produzidos isola cada um em uma tarefa a ser enfrentada com recursos inadequados. Dessa forma, as ações solidárias e a segurança existencial calcada em alicerces coletivos vão ficando cada vez mais escassas (BAUMAN, 2007). Estar abandonado aos próprios recursos, claramente inadequados para lidar com problemas gerados socialmente, e em um mundo no qual a competição tomou o lugar da solidariedade gera uma crescente sensação de insegurança. É o triunfo da desregulamentação e da privatização das tarefas que deveriam ser coletivas. Nos dizeres de Bauman (2001), “a maneira como se vive torna-se uma solução biográfica das contradições sistêmicas” (p. 48).

Em decorrência desse quadro, a incerteza gera experiências de tormentos e ansiedades e um significativo medo do fracasso. A ideia de liberdade amplamente circulada camufla a crescente sensação de impotência (BAUMAN, 2001). Este processo de individualização é operado através da ideologia do neoliberalismo. Esta forma destrutiva e antissocial que o capitalismo assume a partir da década de 1980, buscou diuturnamente impor a lógica do mercado para todas as áreas da vida. A sociedade deve funcionar sob a ótica de negócios do capital e até mesmo os indivíduos se tornam uma empresa que deve ser explorada ao máximo (SANTOS, 2020). O neoliberalismo promete uma liberdade livre de amarras e embaraços, livres de obrigações com o outro, colonizando as subjetividades para que as pessoas se tornem gestoras de si mesmos.

Os serviços públicos que têm relação com a ideia de solidariedade social como a saúde, a educação e a previdência vão sendo paulatinamente desmontados, em conjunto com a destruição dos direitos trabalhistas. O que se percebe é a deterioração das políticas sociais, com a instalação de um falso conflito entre um Estado corrupto e ineficiente em contraposição a um mercado virtuoso

(SOUZA, 2017). A consequência de todo este processo de desqualificação e desmonte do Estado é a incapacidade deste em responder de forma eficaz a uma das maiores crises da humanidade.

O mercado não consegue gerir a vida, o capitalismo não garante a vida. Ao contrário, só opera através da exclusão, exploração e destruição. O capitalismo predatório atual vende algumas ilusões como a promessa da inclusão na excelência através da aceleração, do empreendedorismo e da meritocracia. Na verdade, com um Estado cada vez mais enfraquecido, os sujeitos ficam à deriva, por conta própria, “livres” para assumirem um trabalho precário para sobreviver (SANTOS, 2020). Esta insegurança gerada pela globalização negativa foi aumentada pela pandemia do Covid-19, pelo acréscimo da sensação de desproteção, medo e ameaça que vivemos coletivamente. O que se percebe é que vivemos uma forte crise política e social acoplada à crise sanitária.

O contexto da pandemia descortina as fortes injustiças sociais. Torna-se mais evidente a grande desigualdade estrutural de classe, de raça, de gênero, de geração e regional do Brasil. Fica nítido que quem produz a riqueza é o trabalhador, na medida em que a economia fica obstaculizada sem os braços da classe trabalhadora.

A sensação de desamparo e desproteção produzida pela organização neoliberal da sociedade é potencializada pela crise sanitária da pandemia de Covid-19. Em um estudo realizado pelo Departamento de Psicologia do King's College de Londres sobre impactos psicológicos de pessoas que vivenciaram epidemias como a da MERS, SARS e Ebola, Brooks et al. (2020) salientam que a falta de orientação das autoridades foi um forte agente estressor. O que se percebe no caso brasileiro é a falta de coordenação entre diferentes níveis de governo quanto às orientações sobre a pandemia. Ter um bom entendimento da doença e as razões da quarentena deveria ser uma prioridade importante, mas o que

se percebe são ações lamentáveis produzidas pelo executivo que incentiva a todo o momento a ruptura do isolamento social e a adoção de tratamentos sem comprovação científica. Os brasileiros vivenciam um contexto dramático de vivência de uma pandemia que se soma a uma gestão inadequada de um governo obscurantista de extrema-direita.

Percebe-se o advento de outros governos do mesmo espectro político em outros países. Neste sentido, Lowy (2015) argumenta que é a primeira vez, desde a década de 1930, que a extrema-direita consegue vencer eleições e alcançar influência significativa na política europeia. Estes governos de extrema-direita teriam traços de fascismo ou táticas fascistas que fundamentam suas ações, tais como o anti-intelectualismo, a hostilidade em relação à diversidade de opiniões e ideias, a desumanização de determinados grupos sociais, dentre outros (ECO, 2018; STANLEY, 2019). A hostilidade em relação aos meios de comunicação e às universidades pode ser notada nas ações do atual governo federal brasileiro como tática para impor a sua própria visão de realidade distorcida. Desta forma, o que presenciamos foram incentivos para a quebra do distanciamento social e a indicação para a adoção de medicamentos que não possuíam comprovação científica contra o Sars-Cov-2.

Nas guerras e nesta pandemia, pode-se perceber que se manifesta o melhor e o pior das pessoas. De acordo com Carreteiro (2020), o que se vê no Brasil é um embate entre dois imaginários neste contexto: o imaginário da suficiência versus o imaginário do cuidado. O imaginário da suficiência é um produto ideológico do neoliberalismo. Os sujeitos devem ser fortes, capazes, empreendedores de si mesmos, sempre dispostos a se superarem. Neste imaginário, a economia é realçada e os valores do mercado financeiro são adotados. A autossuficiência, a versatilidade e a onipotência são construções ideológicas conservadoras, à serviço do

neoliberalismo, que são colocadas à prova com o cenário de indeterminação e incertezas trazidos por esta crise. Carreteiro (2020) demonstra que no contexto da pandemia, no qual o corona vírus se apresenta como algo impalpável e impossível de controle, este imaginário da suficiência é radicalizado. O negacionismo é um produto desta radicalização, no qual os sujeitos negam as profundas mudanças trazidas pela pandemia e pressionam para que a economia não pare. Neste sentido, os mortos passam a ser um estorvo a esta tentativa de dar uma normalidade para dar continuidade ao projeto neoliberal: “Quem morre não é um semelhante, mas aqueles que lhes impedem a continuar desenvolvendo seus projetos e a vida que tinham anteriormente. Os mortos tornam-se inimigos, e são contabilizados como números (CARRETEIRO, 2020, p. 18).” Há ainda, na negação da catástrofe, a projeção do antagonista não no próprio vírus, mas nos cientistas e profissionais da saúde, acusados irracionalmente de fazerem a economia parar (SÁ; MIRANDA; MAGALHÃES, 2020).

Por outro lado, o imaginário do cuidado coloca a necessidade de uma atenção a si mesmo e à coletividade. A solidariedade contrapõe a aceleração e a competição predatória do neoliberalismo para preservar a vida de si e do corpo social (CARRETEIRO, 2020). Os sujeitos se percebem até mesmo tendo que ampliar de forma ansiosa os próprios cuidados de si e do outro para compensar a falta de cuidado do Estado e da parcela da população que opera no negacionismo, no imaginário da suficiência. No pós-pandemia poderemos perceber em qual direção a sociedade poderá ter se transformado a partir do embate entre o imaginário do cuidado e o imaginário da suficiência.

Percebe-se que o momento traz uma oportunidade, apesar de toda a tragédia contida, de podermos reconhecer que os investimentos em políticas públicas do Estado interferem em nossas

vidas. Por exemplo, o tamanho e a capacidade do SUS é algo agora salientado. A pandemia pode ser um momento de ruptura com a aceleração que o capitalismo nos provoca e talvez produzir em nós um aumento da tolerância à incerteza e complexidade. Pode ser um momento de reafirmação e reconhecimento de áreas ligadas à vida: Arte, Educação, Ciência, SUS, Universidades, etc. Podemos aceitar a diminuição da produtividade estimulada pela ideologia neoliberal, fazer projetos para conservar nossa saúde mental, repensar nossos vínculos com os outros, reexaminar nossas prioridades de vida. Por fim, apostar no imaginário do cuidado visa apostar na vida. O que favorece a cultura combate a guerra e a destruição. Portanto, a arte e a cultura são campos da imaginação de outros mundos possíveis. Precisamos projetar outros futuros possíveis de vida.

Estas considerações teóricas apresentadas se constituíram nos fundamentos utilizados para fomentar os debates na realização das *lives*. No próximo item, será apresentado o relato dos debates virtuais com reflexões a partir dos comentários dos participantes.

Relato dos debates virtuais sobre subjetividade e sociedade na pandemia

A expectativa de que as atividades se dariam atravessadas pela artificialidade das tecnologias de informação e comunicação foi positivamente desconstruída ao longo da realização das *lives*. O formato *on line* permitiu a reunião de pessoas de localidades diversas, o que seria bastante difícil se as atividades fossem presenciais. Se por um lado, as trocas de saberes com pessoas com seus corpos presentes é um aspecto que enriquece os debates,

por outro lado, o formato virtual permitiu o encontro de pessoas de distintos locais. Foram vínculos produzidos pelo desejo de conhecimento, pela curiosidade intelectual, pela vontade em entender as forças que organizam o mundo. Na primeira *live* realizada, o público foi constituído por pessoas de Jataí/GO, de outras cidades de Goiás e de algumas cidades de Minas Gerais. Na segunda *live*, o público ficou circunscrito à comunidade acadêmica da Universidade Federal do Ceará. Portanto, participaram pessoas de Fortaleza/CE e interior do estado do Ceará. Na terceira *live*, foi notada a participação de pessoas de localidades bastante diversificadas como: Fortaleza/CE, Brasília/DF, São Bernardo do Campo/SP, Curitiba/PR, Balneário de Camboriú/SC, Goiânia/GO, Aracati/CE, Salvador/BA, dentre outras.

De forma geral, na análise dos comentários foi possível perceber alguns aspectos importantes. O esforço didático do palestrante promoveu uma vinculação dos participantes com a atividade. As diversas reflexões suscitadas sobre subjetividade, saúde mental, política e sociedade foram potencializadas pelas interações entre os participantes. Estas interações foram facilitadas pela participação no *chat*. A partir das reflexões, foi muito presente o desejo de saber mais sobre os temas. As atividades proporcionaram momentos significativos de aprendizado, reflexões e trocas. Por fim, houve a formulação de estratégias de enfrentamento e resistência em relação à pandemia, articulada a um desejo de transformação dos aspectos injustos da sociedade brasileira. A seguir, estes aspectos serão melhor desenvolvidos com a ilustração dos comentários dos participantes nas três *lives* realizadas.

Os esforços do palestrante em buscar apresentar suas reflexões de forma didática e organizada contribuiram para que os participantes aderissem e criassem um vínculo com as atividades, conforme os comentários: “Muito bom, explicação com muita co-

erência!”, “Muito rico, muito esclarecedor. Parabéns, professor.” Portanto, confirma-se a importância de se investir na transmissão do conhecimento de forma instigante, que desperte a curiosidade e que esta transmissão ocorra de forma organizada, para que se tenha um bom alcance com os participantes.

As reflexões despertadas pelas ideias propostas pelo palestrante representaram um aspecto potente do projeto de extensão. O objetivo das atividades foi alcançado, na medida em que foram suscitadas muitas reflexões sobre o entrecruzamento das dimensões: subjetividade, saúde mental, política e sociedade. Esta participante pensa sobre as contradições presentes na subjetividade reveladas pela pandemia e de como a doença ganha uma centralidade nas vidas das pessoas: “Estamos um momento que evidencia as contradições que estão presentes em cada um. Passa a ser tema de nossas vidas”. Um participante reflete sobre a articulação de aspectos políticos com a subjetividade: “Há um adoecimento político!”. A questão da desigualdade social que foi mais desvelada pela pandemia foi ponderada por uma participante: “E a grande população não tem acesso a internet, para aula, consulta”.

No momento em que o palestrante falava sobre a radicalização do imaginário da suficiência como a afirmação das ideias neoliberais do mercado, da economia acima da vida, da onipotência que nega as profundas mudanças trazidas pela pandemia (CARRETEIRO, 2020), alguns participantes relataram uma espécie de sensação de desencanto: “Me dá tristeza”; “Muito difícil entender!”. Um participante dialoga com estes comentários: “É muito difícil mesmo. Dá uma sensação de desesperança, de abandono, de impotência”. O contato com o conhecimento que busca evidenciar as condições sociais encobertas que produzem injustiças foi sentido com algo que produz uma sensação de desilusão. Por outro lado, alcançar uma maior clareza das forças sociais pode trazer um pra-

zer da descoberta, em saber algo que era enigmático: “Que interessante isso de que os mortos passam a ser os inimigos... Nunca tinha pensado sobre, mas é muito real, perceptível nos discursos!” Neste momento ainda era discutida a ideia de que os mortos pela Covid-19 passam a ser o estorvo e até mesmo o inimigo para a ordem vigente neoliberal que buscava permanecer no funcionamento eficiente da economia, a despeito da necessidade de cuidar da saúde do corpo social (CARRETEIRO, 2020). Foi interessante notar que as ideias apresentadas nas lives colocaram os participantes em um estado reflexivo, conforme se percebe em alguns comentários: “São muitas perguntas e poucas respostas” e “Você nos pôs a pensar!” A diretriz era propor reflexões como provocações para que os participantes buscassem construir suas respostas e permanecessem elaborando o pensamento.

Além das questões sociais, os participantes expressaram algumas angústias pessoais que o contexto de pandemia trouxe. Por exemplo: “Conviver com as contradições e as incertezas invadem nossa saúde mental”. Este comentário nos faz pensar se antes da pandemia as contradições da subjetividade e da sociedade estavam mais escamoteadas, o que promovia uma certa sensação de pacificação. As dificuldades em ser produtivo foram colocadas por uma estudante de graduação: “Estou concluindo a graduação agora e realmente está muito difícil para os alunos esse momento com aulas remotas. É muito difícil ser produtivo e estar motivado”. Outra participante fala da dificuldade em lidar com o manejo do tempo: “Estamos tendo tempo e o tempo tem sido muito curto”. A necessidade de distanciamento social e a permanência de um tempo maior em casa geraram a ilusão de que se teria muito tempo para realizar diversas atividades. Na verdade, toda a reorganização imposta pela pandemia colocou o espaço doméstico como local de trabalho e, ao mesmo tempo, local de realização de diversas

tarefas como cuidados com outros dependentes e cuidados com a casa. A ruptura da rotina anterior e da forma como as pessoas organizavam suas vidas foram fatores que promoveram desestabilização. Houve restrição de movimentos, restrição de contatos sociais, necessidades de cultivar novos hábitos (uso de máscara e medidas de biossegurança). A quantidade de informações despejadas sobre a doença pelos meios de comunicação, o medo de contrair a doença e morrer, o medo de perder os meios de subsistência, tudo isso compõe um cenário que dificulta a concentração para se estudar e trabalhar. A sobrecarga com as tarefas domésticas e a dispersão provocada por este contexto desfavorável deterioram fortemente a capacidade de trabalho (BROOKS *et al.*, 2020; FIOCRUZ, 2020). O cansaço em executar as funções do trabalho e outras tarefas foi exposto por uma participante: “Sou psicóloga e tenho sentido muito cansaço que chega a uma exaustão. Sofro muito com isso. Difícil aceitar esse sentimento. Canso de trabalhar e de fazer qualquer coisa”.

As reflexões sobre as mudanças que a pandemia trouxe para o trabalho virtual e a necessidade de criação de novas formas de atuação foram narradas. Pessoas que exercem a profissão de Psicologia se expressaram: “Quando a internet cai e a gente só consegue voltar em um tempo tão grande, se perde o assunto, a emoção é perdida”. Outra psicóloga escreveu sobre os rearranjos necessários: “Na primeira sessão *on-line*, tiro um tempo para o paciente saber usar a plataforma e fazemos acordos a partir de problemas tecnológicos que surjam”. Outra participante comentou sobre os desafios em ser docente em tempos de trabalho virtual: “Estamos desde o começo com aulas remotas. Um estresse enorme para os professores, que estão trabalhando dobrado, se reinventando. Os alunos têm revelado muita necessidade de um espaço para cuidar de sua saúde mental”.

O conteúdo dos comentários revelou que a influência para a promoção de reflexões nos participantes não era prove-niente somente do palestrante, mas houve uma interação dinâmi-ca entre os membros do grupo. Esta inesperada interação pode ser observada nos comentários quando o palestrante falava sobre o fato que em condições extremas como a pandemia, podem apa-recer atitudes heroicas e mesquinhas ao mesmo tempo: “Aparece o melhor e o pior do ser humano, um novo cenário, uma revela-ção, uma polaridade.” Duas pessoas responderam: “Interessante isso, C...! É verdade!” e “Interessante, C...! Outra pessoa reflete sobre a questão da desigualdade social após ler o *chat*: “Até aonde esse ‘achar que o virtual é solução para tudo não encobre nossos privilégios, a dificuldade de reconhecer as classes sociais que não tem acesso a tudo isso. Só uma reflexão a partir da leitura do chat”. Além da troca de ideias, alguns participantes aproveitaram a oportu-nidade para indicar cursos, como neste exemplo: “Bom dia pes-soal! Gostaria de compartilhar uma indicação: Curso Pandemias e Periferias, oferecido pela Universidade Emancipa de Educação Popular (está acontecendo pelo Youtube)”. Outra pessoa pediu in-dicação de leituras: “Pessoal, alguém tem indicação de material de leitura cujo foco seja a experiência das juventudes na pandemia?” Portanto, a partir da instauração de um grupo de pessoas interes-sadas em estudar um tema, houve uma interação produtiva a par-tir do *chat*. Houve a construção de um vínculo a partir do desejo de saber sobre mais sobre a subjetividade atravessada por questões sociais e políticas. Quando se abriu o espaço para intervenções e perguntas, também houve interação entre o grupo e não só com o palestrante.

O debate sobre um tema que estava mobilizando todo o mundo suscitou o desejo de saber mais ou entender melhor o assunto, como percebe-se neste comentário: “Poderia abordar os

riscos de intensificação de sintomas de alguns quadros psicopatológicos nesse momento de pandemia”. O tema que mais gerou curiosidade foi a questão da negação dos riscos durante a pandemia: “Quero saber mais sobre o negacionismo do ponto de vista da saúde mental”, “Gostaria de escutar mais sobre o negacionismo” e “Bom dia! Também gostaria de ouvir mais sobre negacionismo”. Outra participante comentou: “Gostaria que o professor falasse um pouco mais sobre as pessoas na rua, em lojas e centros de compras. É ingenuidade, sentimento de pertencer? Queria saber um pouco mais o que ele entende sobre isso”. Como entender que governantes e uma parte das pessoas possam estimular aglomerações, desprezar as orientações advindas da ciência e continuarem suas atividades cotidianas como se não houvesse uma mudança profunda provocada por uma doença perigosa e, em grande medida, desconhecida? A banalização da morte e o descaso com a vida geraram movimentos sociais que colocaram a defesa da economia acima de tudo, desprezando os riscos de contaminação (CARRETEIRO, 2020; SÁ; MIRANDA; MAGALHÃES, 2020). Este tema da negação das ameaças trazidas pela Covid-19 traz enigmas que geram perplexidade e mobilizam reflexões pela irracionalidade contida na desconsideração das orientações das autoridades sanitárias. Além disso, gera incômodo pelo desvelamento do escasso exercício de solidariedade presente na sociedade brasileira. Neste contexto, as medidas de distanciamento social eram direcionadas a diminuir a circulação do vírus que traz um risco maior para as pessoas mais vulneráveis. Por outro lado, estar em quarentena foi visto por muitas pessoas como um exercício de altruísmo e solidariedade, o que pode ter contribuído para aliviar o stress envolvido (BROOKS *et al.*, 2020). Por fim, é importante notar a curiosidade que o debate gerou sobre o que acontece nas universidades federais, como pode-se perceber neste comentário: “Como essa temática de política,

fascismo e relações psicossociais estão presentes nas universidades federais? Existem projetos de extensão ou pesquisa falando sobre isso? ” Portanto, o projeto conseguiu cumprir a função da extensão universitária, que é a de criar uma aproximação com a comunidade, disseminando o conhecimento produzido.

As reflexões e ideias que circularam nas atividades geraram possibilidades de resistência e enfrentamento ao contexto complexo trazido pela pandemia. Uma participante lança a pergunta que desencadeia respostas sobre possíveis encaminhamentos para a crise: “Toda esta compreensão nos leva onde? O que podemos fazer para ajudar na saúde mental das pessoas? ” Outra participante escreve em seguida: “Não há possibilidade de não pensar politicamente sobre tudo que estamos vivendo. Me esclareceu e confirmou enquanto sujeito de crítica e transformação social. E claro no meu lugar de privilégio tem sido uma forte angústia”. A possibilidade de mudar a correlação de forças sociais e o desejo de transformação social são trazidos por outra participante: “Acredito que após essa pandemia, nunca mais viveremos como antes, mas acredito que podemos utilizar o que está acontecendo para decidirmos o que nos tornaremos depois”. E ela continua em outro comentário: “Esse é um momento de aprendizado, de compreensão, de aprender a lidar com nossos monstros e com os daqueles que vivem tão perto de nós. Que sejamos melhores após isso”. Outra participante aposta na solidariedade como forma de enfrentamento: “Uma grande palavra hoje é solidariedade. Buscar aparelhos em desuso e doar, além de fazer campanhas para micro soluções”. Este comentário é endossado por outro: “Acredito que as palavras chave sejam solidariedade e esperança! ” Uma participante aponta a necessidade de se valorizar mais as políticas públicas de saúde: “Como trabalhadora e defensora do SUS, agora mais que nunca precisamos lutar pelo SUS. ”

O último tema a ser relatado sobre estas atividades de debates virtuais se refere aos comentários finais dos participantes nos quais pode-se entrever que houve um espaço significativo de trocas, aprendizagem e reflexões. Através de um comentário pode-se perceber que o debate proporcionou um fortalecimento do papel profissional de uma participante: “O espaço de hoje me fez querer abraçar ainda mais meu papel profissional diante dessa junção entre processos clínicos e psicossociais”. A ideia de apresentar reflexões abertas para que os participantes fossem estimulados a permanecerem elaborando foi ressaltada por uma participante: “Obrigada por contribuir com a significação deste momento, deixando espaços abertos para as respostas que ainda não temos. Que venham as co-criações a partir do imaginário do cuidado”. Para o palestrante foi uma experiência muito significativa perceber que a atividade mobilizou fortemente o grupo. Houve muitos agradecimentos que proporcionaram esta sensação de realização pessoal e profissional, como nos exemplos: “Parabéns pela oportunidade de produzir reflexões sobre a vida e o viver. ”, “Que momento para refletirmos! É hora de nos unirmos! Obrigada por esse momento!” A questão da didática também foi apontada por uma participante: “Seu curso foi muito rico. Sua reflexão sobre os assuntos abordados foi bem exemplificado com vários recursos, inclusive com a indicação de livros. Muito didático e completo. Obrigada pelo seu empenho”. Como foi mencionado anteriormente, ao final pode ser notado o vínculo construído não somente com o palestrante, mas a presença da gratidão pelas trocas com todos os participantes: “Gratidão por dar luz e foco a tantos questionamentos, professor e pela colaboração dos colegas”. Outros comentários que denotam o momento significativo de trocas: “Foi um tempo excelente com todos aqui! Quantas reflexões valiosas!” e “Parabéns, professor e colegas. Foi muito bom! Aprendi muito com todos! Muito obrigado!”

Portanto, o espaço reflexivo virtual gerado pelos debates possibilitou elaborações, desejo de entender melhor aspectos enigmáticos da vida social e formulação de formas de enfrentamento à crise. Estes aspectos foram potencializados pelo esforço didático do palestrante e pelo ambiente de trocas solidárias, que pode ter servido como contraponto e suporte em um momento repleto de incertezas.

Considerações finais

A pandemia decorrente da Covid-19 tem provocado diversos abalos pela imprevisibilidade e incertezas que afetam as vidas individuais e as instituições sociais. Neste contexto de insegurança e de crise, as universidades buscaram planejar e desenvolver pesquisas e ações que pudessem combater e minorar os efeitos deletérios da pandemia. Nesse sentido, este artigo pretendeu relatar a experiência de um projeto de extensão da Universidade Federal de Jataí que buscou promover debates virtuais para a discussão da crise sanitária articulada com aspectos subjetivos, políticos e sociais.

A partir de debates virtuais em plataformas como o Youtube e o Instagram, foram propostas reflexões que demonstraram que o contexto pandêmico desvelou questões políticas e sociais antes encobertas pela aceleração da vida neoliberal. As inseguranças e incertezas geradas pela crescente individualização das vidas foram potencializadas neste contexto. A desigualdade social brasileira que relega amplos setores da sociedade a uma vida de exploração e precariedade, ficou mais evidente.

A questão do negacionismo em relação às ameaças da Covid-19 foi um tema que gerou muita mobilização nos participantes. A vontade de entender melhor um fenômeno psicossocial que se

reveste de elementos irracionais, como é o caso do negacionismo, colocou os participantes em contato com o conhecimento teórico produzido no ambiente acadêmico. Outro tema que estimulou muitas reflexões foram as desigualdades sociais desveladas pela crise, as injustiças e privilégios articulados com a classe social. Os debates entre participantes e palestrante foram muito produtivos, proporcionando momentos significativos de reflexões, trocas e escuta das angústias geradas pela crise. Os sofrimentos e ansiedades decorrentes da necessidade de diversos rearranjos e reorganizações no âmbito do trabalho, da vida privada e das relações interpessoais foram amplamente compartilhados. Após momentos ricos de reflexão, os participantes buscaram formular estratégias de enfrentamento e resistência em relação à crise gerada pela pandemia. Percebeu-se a emergência de uma disposição em rever posicionamentos subjetivos diante do mundo, na direção de se adotar uma forma mais crítica e consciente de pensar as determinações sociais e políticas da vida cotidiana. Por fim, foi expresso, de forma contundente, um desejo coletivo de transformação dos aspectos injustos da sociedade brasileira.

Referências

- BAUMAN, ZIGMUNT. **MODERNIDADE LÍQUIDA**. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2001.
- BAUMAN, ZIGMUNT. **TEMPOS LÍQUIDOS**. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2007.
- BROOKS, SAMANTHA, ET AL. THE PSYCHOLOGICAL IMPACT OF QUARANTINE AND HOW TO REDUCE IT: RAPID REVIEW OF THE EVIDENCES. **LANCET**, v. 395, n. 1, p. 912-920, 2020.
- CARRETEIRO, TERESA CRISTINA. PANDEMIA: LUTA ENTRE DOIS IMAGINÁRIOS. **CADERNO DE ADMINISTRAÇÃO**, v. 28, Ed. Esp., p. 17-20, 2020.

ECO, HUMBERTO. **O FASCISMO ETERNO**. RIO DE JANEIRO: RECORD, 2018.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **CARTILHA DE RECOMENDAÇÕES GERAIS**.

CARTILHAS DO CURSO DE SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL NA PANDEMIA COVID-19, 2020. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.FIOCROZBRASILIA.FIOCROZ.BR/WP-CONTENT/UPLOADS/2020/04/SA%3%BADE-MENTAL-E-ATEN%3%A7%3%A3O-PSICOSSOCIAL-NA-PANDEMIA-COVID-19-RECOMENDA%3%A7%3%B5ES-GERAIS.PDF](https://www.fiocruzbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/SA%3%BADE-MENTAL-E-ATEN%3%A7%3%A3O-PSICOSSOCIAL-NA-PANDEMIA-COVID-19-RECOMENDA%3%A7%3%B5ES-GERAIS.PDF). ACESSO EM: 28 AGO. 2020.

LOWY, MICHAEL. CONSERVADORISMO E EXTREMA-DIREITA NA EUROPA E NO BRASIL*
CONSERVATISM AND FAR-RIGHT FORCES IN EUROPE AND BRAZIL. SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE, v. 124, n. 1, p. 652-664, 2015.

SÁ, MARILENE DE CASTILHO; MIRANDA, LILIAN; MAGALHÃES, F. C. PANDEMIA COVID-19: CATÁSTROFE SANITÁRIA E PSICOSSOCIAL. **CADERNO DE ADMINISTRAÇÃO**, v. 28; Ed. Esp., p. 27-36, 2020.

SOUZA, JESSÉ. **A ELITE DO ATRASO: DA ESCRAVIDÃO À LAVA JATO**. RIO DE JANEIRO: LEYA, 2017.